

## LITERATURA: UMA ANÁLISE ONTOLÓGICA A PARTIR DO COMPLEXO DA ARTE

Karla Raphaella Costa Pereira<sup>1</sup>  
Susana Jimenez<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo intenta demarcar uma definição preliminar de literatura, bem como do método realista, apontado por Lukács como o mais adequado à função que a arte deve exercer no mundo humano, entendendo este complexo como capaz de evidenciar a contradição entre essência e aparência, para, assim, apreender o processo do real. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, apelando, em primeiro plano, às contribuições de György Lukács (2010; 1965), Marx e Engels (2010), Marx (2010) e apoiando-se ainda em Celso Frederico (1997; 2013). A arte, na perspectiva desses autores, é uma afirmação ontológica, ou seja, de autoconhecimento do homem. A literatura, como a arte, inserida no mundo humano, seria também uma forma de distanciamento da vida cotidiana, imediata e fragmentada, para a elevação do ser humano. Entendendo a arte e a literatura como formas de reflexo elevado da vida humana, é necessário elaborar estudos que intentem compreender de que maneira essa elevação se dá. Tal análise não se volta para o julgamento de gostos subjetivos, mas para o horizonte da arte verdadeira, ou seja, aquela que cumpre sua função na vida cotidiana. A relevância do estudo repousa no fato de que este, além de esboçar um diálogo dialético entre a literatura e a crítica marxista, abre portas para estudos futuros no intuito de aprofundar devidamente estas primeiras aproximações.

**Palavras-chave:** Literatura. Ontologia Marxista. Arte.

### LITERATURE: AN ONTOLOGICAL ANALYSIS FROM THE POINT OF VIEW OF THE COMPLEX OF ART

### ABSTRACT

The present study intends to try out a preliminary definition of literature as well as of the realistic method, as pointed out by Lukács suitable to the role that art must play in the human world as it is able to show the conflict between essence and appearance, to thereby grasp the reality process. In this sense, it presents a bibliographic review, calling, in the foreground, the contributions of György Lukács (2010; 1965), Marx and Engels (2010), Marx (2010) and still relying on Celso Frederico (1997; 2013). The art, in view of these authors, is an ontological statement, that is an instrument of man's self knowledge. The literature, like art, inserted into the human, world would also constitute a way of distancing oneself from the everyday, immediate and fragmented life, for the elevation of the human being. Understanding art and literature as forms of higher reflection of human life, it is necessary to conduct studies that understand how this process occurs. This analysis does not turn to the subjective judgment of taste, but points out the horizon of true art, one that fulfills its function in everyday life. The relevance of the study lies upon the fact that this, in addition to sketching a dialectical dialogue between literature and Marxist criticism, opens doors for future studies to fully explore these first approximations.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). E-mail: karla\_raphaella@hotmail.com

<sup>2</sup> PhD. em Educação, com pós-doutorado. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará – Linha Marxismo, Educação e Luta de Classes (E-Luta/UFC). E-mail: susana\_jimenez@uol.com.br

**Keywords:** Literature. Marxist ontology. Art.

## INTRODUÇÃO

É sabido, pela tradição marxista, que Lukács, durante sua trajetória intelectual, passou por transformações na forma de entender a realidade e de analisar os caminhos de Marx na construção de uma nova compreensão da autoconstrução do gênero humano. É de conhecimento geral também que as obras lukacsianas de mocidade deram fermento às mais variadas interpretações do legado marxiano, não tão presas aos pressupostos ontológicos, dos quais não se pode abrir mão.

A partir de meados de 1930, entretanto, ao deparar-se com os textos dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, de 1844, Lukács assume uma posição ontológica perante o legado de Marx, apontando que tanto as obras de juventude quanto a obra máxima, *O Capital*, traziam em seu cerne uma concepção de construção do gênero humano, inédita diante de toda teoria feita até então. Nas palavras de Lukács, citadas por Frederico (1997, p. 22), “Estava ébrio de entusiasmo por este novo começo”.

Em 1963, publica a *Estética*, obra inacabada. Inicialmente, Lukács pretendia escrever três partes, mas de monumental importância para a compreensão estética nos marcos do marxismo de veia ontológica. O autor constrói, inclusive, vários textos sobre literatura. Critica tendências, como o realismo tendencioso e o naturalismo, por compreender que nenhuma destas correntes literárias está vinculada ao papel da arte na autoconstrução do gênero humano, mas subvertem o reflexo da realidade, falseando-o.

Nestes termos, o presente trabalho sistematiza a pesquisa bibliográfica feita sobre os complexos da arte, da estética e a literatura e visa analisar o método realista marxiano-lukacsiano como caminho de construção da obra de arte literária e critério de análise para o crítico, superando, portanto, as interpretações imanentes do próprio texto como se ele se constituísse uma obra autônoma desvinculada da totalidade social. Este trabalho é resultado das leituras iniciais que construíram o aporte bibliográfico inicial, a saber: Lukács (2010; 1965), Marx e Engels (2010), Marx (2010) e Frederico (1997; 2013).

O texto está dividido em duas partes. Na primeira, intitulada *Arte para Marx: os caminhos de Lukács*, apresenta-se um breve estudo do conceito marxiano-lukacsiano de arte, bem como as questões do belo como característica inerente à obra de arte e a relação arte-cotidiano. Na segunda parte, *Literatura, teoria do reflexo e realismo*, a análise volta-se para a literatura e o método marxiano realista de construção do texto literário. Para tanto, apresenta-se as características do método realista, como a tipicidade e a narratividade.

O estudo é relevante por apontar uma nova concepção de literatura que supere as visões idealistas de que ela é a manifestação da verdade, ou um puro reflexo da realidade ou que o belo é constituinte absoluto da produção ou ainda que a literatura tenha a responsabilidade de intervir na realidade como elemento modificador ou legitimador da sociabilidade vigente.

## **1. A ARTE PARA MARX: OS CAMINHOS DE LUKÁCS**

Lukács, em seu texto *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*, afirma que os autores não deixaram um tratado específico sobre arte, estética ou literatura, mas, nos trechos recolhidos, construíram uma “unidade conceitual orgânica e sistêmica” (LUKÁCS, 2010, p. 11) sobre tais temáticas.

O modo marxiano de analisar as questões da arte não podem se desligar do processo histórico da humanidade, por isso nega a hermenêutica imanente como método mais adequado de compreensão dos textos literários. “Marx e Engels negam apenas que seja possível compreender o desenvolvimento da ciência ou da arte com base exclusivamente, ou mesmo principalmente, em suas conexões imanentes.” (LUKÁCS, 2010, p. 12).

Segundo Frederico (2013), Marx compreende a arte como uma forma de objetivação tardia, um desdobramento do trabalho, atividade que possibilitou o início do processo de “recoo das barreiras naturais” (MARX, 2010), permitindo ao homem transformar a natureza, segundo suas carências. A atividade artística é uma forma de afirmação da humanidade recém-instaurada que, ao se autonomizar, passou a ser regida por leis próprias, as leis da beleza. Esta atividade artística, entretanto, não pode ser tomada como um fazer completamente livre, individual.

A arte, como todos os complexos sociais, resguarda com o trabalho uma relação de autonomia relativa, dependência ontológica e determinação recíproca. “Portanto, a existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro histórico geral de todo o sistema” (LUKÁCS, 2010, p. 12). Para Marx, a arte só pode ser entendida dentro do processo histórico, como desdobramento da autoconstrução humana, uma atividade prática de autoformação do ser social.

O surgimento da arte, possibilitado pela libertação posta pelo trabalho, auxiliará na construção do autoconhecimento do próprio homem que se constrói ao construir o mundo humano. Ela não visa, entretanto, intervir na realidade objetiva nem advoga que sua objetivação ganhe *status* de verdade ou se identifique com ela. Isso será fundamental para a construção do método realista marxiano-lukacsiano.

O animal não conhece outra medida e necessidade senão a da espécie a que pertence, enquanto que o homem sabe produzir com a medida de qualquer espécie e aplicar em cada caso um critério imanente ao objeto; daí que o homem modele segundo as leis da beleza (MARX apud FREDERICO, 2013, p. 44).

Assim, ainda segundo Frederico (2013), Marx supera a dialética idealista de Hegel, ao afirmar que a arte é criação material dos homens, e o materialismo empirista de Feuerbach, quando afirma que a beleza é resultado da atividade humana. Se aqui se quisesse olhar com profundidade o complexo da arte pelo prisma marxista seria necessário apontar a gênese, a natureza e a função social deste complexo, assim como da própria literatura. Há que se apontar que tal tarefa não conviria à natureza deste artigo que se pretende a iniciar tais estudos.

Em linhas gerais, é importante ressaltar que, no entendimento do materialismo histórico-dialético, “A verdadeira arte visa ao maior aprofundamento e à máxima abrangência na captação da vida em sua totalidade onicompreensiva” (LUKÁCS, 2010, p. 26).

Esta primeira parte do presente texto, portanto, tentará apresentar, em linhas gerais, visto que se trata, como dito anteriormente, de uma primeira aproximação, os princípios da estética, da arte e da literatura para Marx e Lukács, princípios estes que constituem uma estética marxista que aponta caminhos e critérios para produção literária.

### 1.1. Questões do belo

Como dito anteriormente, a arte não pode ser desvinculada do processo de autoconstrução do homem enquanto ser social, gênero. Tal concepção deve ser compreendida em sua integralidade para que se possa perceber que a arte não é reflexo idealizado, dela desvinculado, já que ela é produto da própria atividade humana. Marx, nos *Manuscritos de 1844*, destaca que os sentidos humanos são também consequência desse processo. Os cinco sentidos do homem tornaram-se diferentes dos outros animais não por uma determinação inata da espécie, mas pela autoformação do ser social.

A educação dos cinco sentidos é trabalho de toda a história universal até nossos dias. O *sentido* subordinado a exigências práticas animais é um sentido limitado. Para o homem faminto, não existe a forma humana do alimento e sim apenas a sua existência abstrata como alimento: o alimento pode se apresentar indiferentemente em qualquer forma, ainda que seja a mais grosseira, e não se conseguirá dizer em que ponto a sua atividade nutritiva se diferenciará da do *animal*. O homem angustiado por uma necessidade não tem senso algum, mesmo para o espetáculo mais belo: o mercador de pedras preciosas só vê o valor comercial delas, não vê a beleza e a natureza peculiar de cada pedra; ele não possui qualquer senso estético para o mineral *em si*. Portanto, a objetivação da essência humana, quer do ponto de vista teórico, quer do ponto de vista prático, é necessária tanto para tornar *humanos* os *sentidos* do homem como para criar um *sentido humano adequado* à inteira riqueza da essência humana e natural (MARX apud LUKÁCS, 2010, p. 15, itálico do autor).

Como explicitado na citação acima, os cinco sentidos humanos só se diferenciaram dos sentidos animais quando o homem conseguiu, graças ao trabalho, afastar-se de suas barreiras naturais. A consequência deste posicionamento é séria, à medida que, ao se aceitar a humanização dos sentidos como consequência da própria atividade do homem, deve-se acolher que o sentido do belo, como sentido espiritual humano, é resultado da ação humana, assim como os demais sentidos. Nas palavras de Marx,

Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra o sentido *humano*, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência de *seu* objeto, pela natureza *humanizada* (MARX, 2010, p. 110, itálico do autor).

A contemplação artística, nestes termos, não pode voltar-se para o belo natural, já que os sentidos humanos, mesmo de base natural, desprenderam-se, no processo histórico, de sua naturalidade e se humanizaram. Frederico (2013) ressalta

que a arte é atividade progressiva da essência humana, transformadora da natureza. Não é, como advogava Feuerbach, contemplação desinteressada da natureza. “Compreende-se que o olho *humano* frui de forma diversa da que o olho rude, não humano [frui]; o *ouvido* humano diferentemente do ouvido rude etc.” (MARX, 2010, p. 109, itálico do autor). O belo natural, portanto, não cintila a essência humana.

As leis que regem a arte não são as mesmas que regem o mundo humano. Ela cria um mundo próprio orientado sob as leis da beleza, mas, como dito anteriormente, esta beleza é também humana, fruto da atividade humana e da humanização dos sentidos. Assim, a educação dos sentidos, como dito por Marx nos *Manuscritos de Paris*, é trabalho de toda a história universal. Resultados de atividade, os sentidos precisam ser aperfeiçoados. A apreciação do belo artístico não é consequência de uma inspiração transcendente, mas de uma formação que desperte a sensibilidade.

A compreensão marxiano-lukacsiana do belo humano rompe com toda uma moderna tradição de compreensão da arte de modo subjetivo, de contemplação individual da obra. Se o aprimoramento dos sentidos é consequência da evolução histórica do homem, também a obra de arte está vinculada à totalidade do ser social e deve refleti-la, não em sua superficialidade, mas as relações entre essência e fenômeno que se expressam na realidade. Surge daí uma questão, e esta foi desenvolvida por Lukács: qual a realidade que a arte deve refletir? No subitem que segue, tentar-se-á discorrer sobre esta temática.

## 1.2. “Do” e “Para” o Cotidiano

“A arte reflete a realidade, mas de um modo próprio” (FREDERICO, 2013, p. 84). Tal reflexo é mais rico do que a realidade vivida pelo homem na cotidianidade. Assim, Lukács destaca o papel educativo da arte, pois ele seria capaz de enriquecer a visão de mundo que, no cotidiano, está fragmentada.

A arte, então, parte da vida cotidiana e para ela retorna, produzindo uma elevação na consciência dos homens. Frederico (2013) afirma que o comportamento cotidiano do homem é o começo e o fim de toda ação humana, inclusive da arte.

Citando Lukács, o autor retoma a imagem do rio no qual tudo se transforma e retorna ao leito.

[...] dele (do cotidiano) se depreendem, em formas superiores de recepção e reprodução da realidade, a ciência e a arte; diferenciam-se, constituem-se de acordo com suas finalidades específicas, alcançam sua forma pura nessa especificidade – que nasce das necessidades da vida social – para logo, em consequência de seus efeitos, de sua influência na vida dos homens, desembocar de novo na corrente da vida cotidiana (LUKÁCS apud FREDERICO, 2013, p. 133).

A vida dos homens é constantemente enriquecida pela arte, sua função é exatamente essa. A imediatez faz com que a aparência ganhe *status* de essência, conduzindo o homem a um comportamento restrito, pois ele se relaciona com um mundo heterogêneo e descontínuo.

Frederico (2013, p.135) informa que Lukács define o homem imerso na cotidianidade como “homem inteiro” e, àquele concentrado na arte, dá o nome de “homem inteiramente”. A arte oferece um mundo homogêneo.

Na fruição estética, o indivíduo depara-se com a figuração homogeneizadora, mobilizando toda a sua atenção para adentrar-se nesse mundo miniatural, despojado dos acidentes e variáveis que geram as descontinuidades do cotidiano (FREDERICO, 2013, p. 135).

No contato com a obra de arte, o homem, segundo Lukács, é posto em contato com o gênero humano, superando sua singularidade e estabelecendo o nexó indivíduo-gênero. Essa elevação é momentânea porque o homem, após o contato com a fruição estética, volta a se deparar com a fragmentação do cotidiano, mas ele estará munido de uma experiência enriquecedora que o permitirá olhar o mundo com outros olhos – daí o caráter educativo da obra de arte, dito acima.

Por ser um processo circular, ele produz um contínuo enriquecimento da humanidade. Não é possível deixar de destacar que a instauração do trabalho explorado assalariado, como fundante da sociabilidade capitalista, trouxe profundas transformações no fazer artístico e na sensibilidade humana, transformando a obra de arte em mercadoria, por exemplo, fato que dissolveu a função de elevação da vida cotidiana. Tal processo não é o foco desta revisão de literatura, mas não pode ser esquecido, visto que as obras que se inserem neste contexto prendem o indivíduo na imediatez da vida cotidiana, impedem a elevação.

No próximo tópico, estabelecer-se-á a concepção marxiano-lukacsiana de literatura, bem como o método realista como única forma de levar a obra literária a cumprir, como obra de arte, sua função social, qual seja, elevar o indivíduo da cotidianidade para enriquecê-lo e devolvê-lo ao cotidiano, munido de um olhar diferenciado sobre a fragmentação da realidade na vida cotidiana.

## **2. LITERATURA, TEORIA DO REFLEXO E REALISMO**

A literatura, como uma forma de arte, reflete, por seus próprios meios, a realidade cotidiana. Frederico (2013) destaca que a teoria do reflexo não é completamente nova e que Aristóteles, em suas reflexões estéticas, já tinha atentado para o caráter central do reflexo.

Assim como nas demais formas de arte, a literatura repercute a base econômica, já que da sociedade a economia é a protoforma. Desde o início deste texto, aponta-se a necessária aceitação de que os complexos sociais guardam com o trabalho uma relação de autonomia relativa. Portanto, a obra literária refletirá o mundo exterior que existe independentemente das ideias e concepções do artista.

Segundo Lukács (2010), a realidade apresenta diversos graus: a realidade fugaz e epidérmica, a realidade que passa e a realidade mais profunda. Para o autor, a literatura verdadeira deve, então, ir à busca dos momentos mais essenciais, contrapondo o fenômeno à essência. “A verdadeira arte, portanto, fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu movimento, na sua evolução e desenvolvimento” (LUKÁCS, 2010, p. 26), ou seja, “[...] a arte deve tornar sensível a essência” (LUKÁCS, 2010, p. 28).

A literatura, nesse sentido, precisa apreender o automovimento da totalidade, o que, guardadas as devidas diferenças, é o próprio materialismo histórico-dialético, além de que ela apresentará as características já apresentadas aqui sobre a arte: homogeneiza o mundo fragmentado do cotidiano, permite a elevação da imediatez, volta ao cotidiano para enriquecê-lo, etc. Não é, mais uma vez, puro espelho da realidade.

Para expressar esse posicionamento quanto ao verdadeiro reflexo da literatura, Lukács, por diversas vezes, apontou os problemas do expressionismo, do



naturalismo e da literatura de tendência, apontando como método mais adequado para a criação literária o realismo, tema abordado no próximo subtópico.

Para Lukács, tais tendências fixam-se ou na essência ou na aparência refigurada. Frederico (2013, p. 91) aponta resumidamente os principais argumentos de Lukács: “[...] o expressionismo (que deforma a aparência visando realçar a essência) e o Naturalismo (prisioneiro da aparência fetichizada)”.

O expressionismo teria um caráter abstrato, numa tentativa de expressar uma fuga da realidade. Segundo Frederico (2013), ele seria expressão do romantismo pequeno-burguês e teria como horizonte teórico o irracionalismo. Já no naturalismo, a essência se confunde com a aparência, graças ao descritivismo cientificista que reduz “[...] o homem às funções fisiológicas e ao determinismo do meio ambiente e da raça” (FREDERICO, 2013, p. 93). Nas palavras de Lukács,

Toda teoria e toda a prática naturalista são levadas a unir de maneira mecânica a antidualética fenômeno e essência, formando uma turva mistura, na qual a essência é naturalmente sacrificada e, em muitos casos, chega a desaparecer completamente. Já a filosofia idealista da arte e sua prática de estilização, ao contrário, captam claramente a antítese entre fenômeno e essência, mas, por força da carência de dialética ou por força da inconsequência da dialética idealista, detêm-se exclusivamente na antítese que existe entre os dois termos, sem reconhecer a unidade dialética dos opostos que subsiste no interior desta antítese. [...]. A literatura e a teoria literária dos períodos de decadência costumam unificar as duas tendências errôneas: substituem a verdadeira busca da essência por um jogo de analogias superficiais que, tal como as concepções da essência dos clássicos do idealismo, prescindem do real (LUKÁCS, 2010, p. 25).

Lukács também tratou do romance proletário e do realismo socialista, consequência do movimento da revolução russa que pregava a necessidade de uma literatura e arte proletárias, desprezando a herança artística burguesa. Segundo o pensador marxista húngaro, para um bom escrito, o verdadeiro artista não precisava ser de esquerda. Cita, por exemplo, Shakespeare, Goethe, Scott, Balzac, autores preferidos de Marx e Engels que não tiveram um posicionamento de esquerda.

A seguir apresentar-se-á o método realista e suas principais características.

## 2.1. Método realista: critério para o crítico, caminho para o artista

As considerações até aqui esboçadas já indicam a defesa de uma relação, na esteira de Marx, entre a literatura e a totalidade social. Já foi apontado também que Lukács considera o método realista como a forma adequada de empreender tal objetivo.

O realismo defendido por Lukács não se resume à escola literária nascida na França, em meados de 1870, como oposição ao romantismo, seu precursor. O realismo lukacsiano é atemporal, é mais que um método, pois, na verdade, é uma atitude, um posicionamento, consciente ou não do escritor, perante a realidade. “Para Lukács, o Realismo é um método, o caminho para se configurar artisticamente o mundo dos homens e, também, o critério para se julgar a produção artística” (FREDERICO, 2013, p. 91).

Há que se diferenciar, no entanto, o método realista lukacsiano do realismo socialista. Frederico (2013) aponta algumas características essenciais deste método, combatidas por Lukács por deturparem a realidade: cobrava uma exaltação dos aspectos positivos do processo revolucionário, servindo como propaganda para o movimento e renegava a herança artística burguesa. Nesta análise, Frederico (2013, p. 81) cita um conto russo que define exemplarmente o realismo socialista:

Era uma vez um poderoso imperador chamado Tamerlão, o Grande. Vaidoso, ele convocou todos os pintores do reino para pintar seu retrato. Acontece que Tamerlão não tinha nem perna nem olho direitos, perdidos numa guerra patriótica. Temerosos, chegaram os pintores. O primeiro retratou o imperador com os dois olhos e as duas pernas. Foi degolado. Aquilo era “idealismo”. O segundo apresentou o imperador como de fato era: sem uma perna e sem um olho. Foi degolado. Aquilo era “realismo burguês”. Aí chegou o terceiro. Era membro da União dos Pintores Soviéticos. Este pintou Tamerlão de perfil, do lado em que só aparecessem a perna e o olho esquerdo. Foi aclamado. Ele havia entendido o que era o “realismo socialista”.

O conto é riquíssimo para ilustrar o papel do realismo socialista que, em nome do processo revolucionário, escondia a realidade. Não se sentia comparada

ao idealismo como falseador da realidade, mas, na essência, o era. Qual seria então o verdadeiro método de criação literária? O método realista apontado por Lukács apoia-se numa visão presa ao real, às contradições sociais, à essência do movimento da totalidade. Tal método possui como recursos básicos a tipicidade e a centralidade da narração.

A construção do tipo social não é inédita na literatura, mas, para Marx, ele possibilita expressar com a maior clareza possível a verdade da espécie humana. Se, para Marx, a arte precisa revelar as relações entre essência e aparência, o personagem típico é ideal, pois ele é síntese entre o universal e o individual.

Os personagens e situações típicas são características básicas da grande literatura realista sensível às mutações históricas, sempre contrapostas por Lukács à literatura menor, que só consegue criar personagens e situações *médias*, fixas e estereotipadas (FREDERICO, 2013, p. 109, itálico do autor).

O próprio materialismo histórico-dialético parte da concepção de que o mais desenvolvido explica o menos desenvolvido, então, os tipos bem demarcados concentram tendências universais. Além da tipicidade, como dito anteriormente, o método realista apoia-se na narração, por necessitar reproduzir os destinos humanos. O romance não pode voltar-se, portanto, para a mera descrição passiva. “O método descritivo é inumano. O fato de ele que se manifeste, como vimos, na transformação do homem em natureza-morta é só um sintoma artístico de tal inumanidade” (LUKÁCS, 2010, p. 177).

Lukács (2010, p. 165) afirma que a narração distingue e ordena e que a descrição nivela todas as coisas. O homem não é um ser passivo perante a realidade. Então, se a literatura quer se fazer reflexo dessa realidade, não pode suprimir de seus personagens a possibilidade de ação, de transformação, para que não seja carregada para um determinismo sem saída. A arte, para Lukács, é autocontemplação da subjetividade e, por isso, ela não poderia se apresentar de forma reificada. Se inumano, o método descritivo não representa, obviamente, o gênero humano.

Mas o escritor precisa ter uma concepção do mundo sólida e profunda: precisa ver o mundo em seu caráter contraditório para ser capaz de selecionar como protagonista um ser humano em cujo destino se cruzem os contrários. As concepções do mundo próprias dos grandes escritores são variadíssimas e ainda mais variados são os modos pelos quais eles se manifestam no plano da composição épica. Na verdade, quanto mais uma

concepção do mundo é profunda, diferenciada, alimentada por experiências concretas, tanto mais variada e multifacetada pode se tornar a sua expressão compositiva (LUKÁCS, 2010, p. 179).

Expressar na literatura uma concepção de mundo comprometida com a realidade social exige, afirma Lukács, uma compreensão e um compromisso com a totalidade, ou seja, exige do escritor uma solidez perante o mundo dos homens.

Os artefatos culturais pós-modernos e os chamados de vanguarda, em sua maioria, tem contribuído para o que Lukács chama de “ciclo problemático do agradável”, abrindo mão do verdadeiro papel da arte para suprir um mercado de entretenimento cada vez mais promissor. Isso, contudo, é mote para estudos futuros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente texto apresentou, de forma geral, o complexo da arte na ontologia marxiano-lukacsiana, bem como alguns apontamentos sobre a questão do sensível para a estética de Lukács. O texto visou sistematizar estudos introdutórios sobre a literatura na perspectiva marxista e, por isso, tomou como norte os estudos de Frederico (2013) acerca do legado teórico de Lukács.

Apontou também algumas reflexões sobre a questão do belo na arte marxista e das relações deste complexo com o cotidiano, mostrando que, para Marx e Lukács, a necessidade da arte nasce no cotidiano e para ele retorna, enriquecendo-o. Como um complexo tardio, a arte, livre das necessidades de sobrevivência que a objetivação do trabalho pôde sanar, passou a se configurar como uma forma de autoafirmação do gênero humano, de autocontemplação da essência humana.

Discutiram-se também as questões da arte e, conseqüentemente, da literatura como um reflexo da realidade, reflexo este que não se limita a espelhar a realidade tal como ela se mostra em sua imediatez: heterogênea e fragmentada. A arte homogeneiza o cotidiano para desvelar suas relações essenciais, superando a simples visão subjetiva do fenômeno e possibilitando ao homem compreender a totalidade social.

Outro aspecto relevante diz respeito aos sentidos humanos. A autoconstrução humana possibilitou a mudança dos sentidos. Os sentidos humanos,

físicos e espirituais, não são inspiração transcendente, mas resultado do processo histórico de fazer-se homem do homem. Nestes termos, os sentidos artísticos também são aprendidos e aperfeiçoados. Só se aprecia devidamente uma obra de arte se se apreciar esta obra, ou seja, a arte tem um caráter educativo.

Quanto à literatura, apontou que ela deve servir ao processo de autocompreensão do gênero humano e que, para isso, deve fazer uso do método realista e seus recursos principais, quais sejam, a tipicidade e a centralidade da ação. Tal método, segundo Lukács, e com ele faz-se coro aqui, é o mais adequado ao papel que a literatura desempenha na sociedade: refletir a totalidade social, suas contradições, auxiliando no desvelamento de sua essência.

Compreende-se que para que o escritor cumpra esse papel, é necessário que ele assuma uma postura consciente da totalidade, um sólido posicionamento perante as contradições desta forma de sociabilidade. É importante destacar que esse papel não é dado à literatura de forma metafísica, como se este fosse um papel transcendental da própria literatura: expressar a verdade absoluta, já que tal entendimento poderia levar às errôneas concepções barrocas ou do realismo socialista. O papel dado à literatura e à arte são postos pela própria materialidade do ser social, são papéis ontológicos e nada tem a ver com uma escolha subjetiva, mas com o caminho destes complexos na história do ser social.

## REFERÊNCIAS

FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens**: o itinerário de Lukács. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

\_\_\_\_\_. **Lukács**: um clássico do século XX. São Paulo: Moderna, 1997.

LUKÁCS, György. **Ensaio sobre literatura**. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1965. 235 p.

\_\_\_\_\_. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cultura, arte e literatura**: textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. [tradução: Jesus Ranieri]. São Paulo: Boitempo, 2004.